

## EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E TECNOLOGIAS DIGITAIS: UM OLHAR PARA O LUGAR DO CORPO NA ESCOLA<sup>1</sup>

Derli Juliano Neuenfeldt<sup>2</sup>

Kári Lúcia Forneck<sup>3</sup>

Macgregor Baumgarten<sup>4</sup>

Kedman Jesus Silva<sup>5</sup>

Andreia Aparecida Guimarães Strohschoen<sup>6</sup>

### RESUMO

Esse estudo teve por objetivo analisar como estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental compreendem a partir da experiência da Educação Física escolar mediada pelas tecnologias digitais no período da pandemia de Covid-19 o lugar do corpo na escola. Esse estudo justifica-se pela necessidade de olharmos para o corpo na escola no retorno às aulas presenciais. Esta pesquisa é qualitativa e descritiva (BOGDAN; BIKLEN, 1994) e foi realizada com duas escolas da rede municipal de ensino de um município do Vale do Taquari/RS/BRA. Os participantes foram 16 estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, 8 de uma turma do 6.º Ano e 8 de uma turma do 9.º Ano. Em ambas as turmas há o entendimento de que a essência da Educação Física é movimentar-se e, por essa razão, não reivindicam o uso das tecnologias digitais nas aulas. Constata-se que a Educação Física escolar é o lugar onde os alunos sentem que são corpo e interagem com os corpos dos colegas. Quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, Merleau-Ponty (1999) nos diz que não há outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, cada um é corpo na medida em que tem um saber adquirido. Conclui-se que tecnologias digitais foram fundamentais para a continuidade do ensino no período de pandemia de Covid-19, mas no retorno às aulas presenciais os estudantes querem conhecer o mundo pelo próprio corpo, pela vivência das diferentes práticas corporais, reforçando a especificidade da Educação Física na escola.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar, Corpo, Escola, Ensino, Ensino Fundamental.

### INTRODUÇÃO

A experiência vivenciada durante a pandemia de Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, especialmente devido a necessidade de isolamento social, às restrições de interação social e presenciais necessárias para evitar a propagação do vírus, nos possibilitam refletir sobre a nossa

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com apoio financeiro da FAPERGS e da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, derlijul@univates.br.

<sup>3</sup> Doutora em Letras pela PUC/RS, kari@univates.br.

<sup>4</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia e bolsista de iniciação científica da Universidade do Vale do Taquari - Univates, macgregor.baumgarten@universo.univates.br;

<sup>5</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, kedman.silva@universo.univates.br;

<sup>6</sup> Doutora em Ciências: ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, aaguim@univates.br;

condição humana e o contexto social que vivemos. Apesar de todos os avanços científicos, da ampliação da produção e compartilhamento de informações, acentuadas pela internet, voltamos a sentir que ainda há situações em que o domínio da natureza, desejo da ciência moderna, escapa das nossas mãos. O Coronavírus fez a humanidade recolher-se, não só em seus domicílios, mas também na tomada de consciência da fragilidade da espécie humana.

Nesse ano de 2022, após os resultados positivos da vacinação na diminuição do número de mortes e de internações, retomamos as atividades presenciais, entre elas as escolares. Contudo, a pandemia de Covid-19, conforme Nóvoa e Alvim (2021), deu impulso a tendências de retraimento da educação a espaços domésticos e ao uso de tecnologias digitais como forma de substituir o papel do professor, buscando incutir a ideia de ser possível aprender sozinho, em qualquer lugar.

Porém, nos questionamos se essas tendências retratam os desejos dos estudantes quanto ao lugar da escola, assim como apontamos para as diferenças sociais e econômicas que foram escancaradas na pandemia, nem todos tinham acesso às tecnologias digitais e à internet (CUNHA; SILVA; SILVA; 2020) o que dificulta pensar no ensino domiciliar como uma possibilidade para todos. Como alertou Santos (2020), a pandemia não afetou a todos da mesma forma, mulheres, trabalhadores da rua, informais ou autônomos, idosos, deficientes, moradores das periferias e os sem abrigo sofreram mais. A pandemia reforçou a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento, ampliando a pobreza e problemas sociais, já existentes anteriormente.

Isso nos faz pensar se é possível um ensino sem a escola física como conhecemos. Após termos sentido a falta da interação social e de que necessitamos nos movimentar, precisamos lembrar que estar na escola é um direito. Por isso, questiona-se em que medida os corpos dos alunos estão sendo ouvidos no retorno às aulas presenciais? Essa dúvida emerge da preocupação com a perda de espaço da Educação Física no currículo, conforme se constata na proposição do novo currículo para o Ensino Médio da rede estadual do RS (RIO GRANDE DO SUL, 2021), que prevê a Educação Física apenas no 1.º Ano do Ensino Médio. Qual o lugar que o corpo ainda tem na escola? E, conseqüentemente, qual o lugar da Educação Física na escola?

A Educação Física é “o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história” (BRASIL, 2017, p. 211). Portanto, a compreensão atual do papel da Educação Física na escola rompe com a visão limitada que em outros momentos a restringia ao desenvolvimento

de aptidão física ou a aprendizagem motora das práticas esportivas. Além disso, entende-se que a experimentação corporal produz um tipo de saber específico, que não pode ser substituído apenas por conceitos, pois como diz Merleau-Ponty (1999) o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo.

Logo, esse trabalho tem por objetivo analisar como estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental compreendem a partir da experiência da Educação Física escolar mediada pelas tecnologias digitais no período da pandemia de Covid-19 o lugar do corpo na escola. Vive-se um tempo que a escola é questionada, considerando-a inadequada frente aos avanços tecnológicos e à necessidade que se enquadre nos modelos produtivos mercadológicos, tornando-se mais um lugar de produção, atendendo a demandas avaliativas externas. Muitas destas críticas, de acordo com Masschelein e Simons (2020) decorrem do fato da escola resistir ao enquadramento às políticas neoliberais que desejam torná-la mais um espaço produtivo. Por isso, os autores defendem que o desafio da escola frente às tecnologias digitais é saber se e como ela pode trazer algo à vida, gerar interesse, possibilitar a experiência de compartilhamento e permitir que se renove o mundo.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Esta pesquisa é qualitativa e descritiva (BOGDAN; BIKLEN, 1994) e foi realizada com duas escolas da rede municipal de ensino de um município do Vale do Taquari/RS/BRA. Os participantes foram 16 estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, 8 de uma turma do 6.º Ano e 8 de uma turma do 9.º ano. Quanto à escolha, eles foram definidos em conjunto com os professores de Educação Física, tendo como critério a participação efetiva nas aulas, no período da pandemia.

As informações foram produzidas a partir de dois grupos de discussão (WELLER; PFAFF, 2018) com os estudantes selecionados, em encontros realizados em maio de 2022. O grupo de discussão ocorreu na escola, presencialmente, em sala reservada. Ele foi conduzido por dois pesquisadores que trouxeram os seguintes temas disparadores da discussão: retorno das aulas presenciais, uso de tecnologias digitais na escola e na Educação Física escolar, o que se aprende nas aulas de Educação Física.

Quanto à análise das informações, optou-se pela análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016), estruturando duas categorias emergentes: a) Educação Física é movimento, e b) Educação Física é convivência entre corpos.



Em relação aos cuidados éticos, a Secretária de Educação do município autorizou o estudo por meio da assinatura da Carta de Anuência; os pais ou responsáveis pelos estudantes autorizaram a participação deles por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os estudantes, por meio do Termo de Assentimento. Na apresentação dos resultados, os nomes das escolas e dos estudantes não são divulgados. Utilizamos os seguintes termos para nomeá-los: estudante 1 grupo de discussão (GD) da escola A... estudante 1 grupo de discussão (GD) da Escola B... e assim por diante.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Educação Física é movimento!**

No retorno às aulas presenciais, nos inquietou saber se os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, a partir da experiência que tiveram com o Ensino Remoto Emergencial, percebem possibilidade de continuidade de uso das tecnologias digitais nas aulas de Educação Física.

Constatamos que, durante a pandemia, as duas escolas investigadas, deram continuidade às aulas por meio de Ambiente Virtual de Aprendizagem (*Google Classroom*), de atividades impressas destinadas aos estudantes sem acesso à internet e, posteriormente, foram agregadas videoconferências (*Google Meet*). Evidenciamos que também os estudantes e as famílias tiveram que se apropriar dos recursos digitais, esforço necessário para acompanhar as aulas.

No retorno à presencialidade, que ocorreu gradativamente a partir do segundo semestre de 2021, não se fez mais o uso do *Classroom* e do *Google Meet*, retomando-se na Educação Física a estrutura de aula muito similar ao período anterior à pandemia no qual a aula se constitui como lugar para vivenciar diferentes práticas corporais. Contudo, em 2022, identificou-se o uso de tecnologias digitais na turma do 6.º ano. Em sala de aula, em TV, a professora assistiu vídeos do *Youtube* sobre a prática corporal que seria vivenciada posteriormente na aula. Essa sequência pedagógica, primeiro ver vídeos e depois a experimentação, tornou-se possível pois houve melhorias na escola quanto ao acesso às tecnologias digitais, conforme relatam os alunos:

Aluno 6: As TVs foram instaladas agora na pandemia.

Aluno 2: É, pra profe passar as coisas do computador pra TV.

Aluno 6: Eu acho que a gente tinha duas TVs só, uma no Mais Educação e uma na sala de Informática, mas agora tem TV em todas as salas.

Aluno 2: É, se alguma professora quiser mostrar alguma coisa...

Aluno 5: Tipo, igual o que a gente tava vendo pra treinar aqui.

Pesquisador: O arremesso de peso?

Aluno 5: Isso.

Aluno 6: As vezes os outros professores passam slides



Pesquisador: Então, hoje todas as salas têm TV, tem acesso à internet para os professores que quiserem usar para passar algum conteúdo, vídeo ou slide. E antes não tinha?

Aluno 6: Não, não tinha!

Aluno 4: Não tinha, tinha que ir lá na Informática e as vezes tava ocupada (GD, escola A, 6.º Ano)

Todavia, em ambas as escolas e turmas, há o entendimento que a Educação Física é movimentar-se e, por essa razão, não reivindicam o uso das tecnologias digitais nas aulas. Essa é uma particularidade da Educação Física, diferente de outros componentes, conforme percebeu-se nos grupos de discussão:

Pesquisador: E vocês acham que daria para usar a tecnologia para alguma coisa ligada à Educação Física?

Alunos: Não! [Todos entendem que não].

Aluno 6: Acho que não, melhor é a prática mesmo.

Aluno 8: É que se tu pensar bem, na aula de Educação Física tu não precisa pesquisar muita coisa. É só ter um pouco de vontade de fazer exercício e praticar.

Aluno 4: Na Educação Física acho que não, mas nas aulas normais sim (GD, escola B, 9.º ano)

Pesquisador: E daquilo que vocês fizeram na pandemia, em casa, tem alguma coisa que vocês acham que dá para continuar fazendo?

Aluno 4: É que é muito mais legal aqui!

Aluno 1: É, o espaço é maior... tudo é melhor (GD, escola A, 6.º ano)

Neuenfeldt *et al.* (2022) em estudo de revisão sobre a Educação Física escolar constataram que há uma recusa na Educação Física, também por parte dos professores, por aulas com uso de tecnologias digitais e um desconhecimento de possibilidades que elas oferecem para o ensino e tematização das práticas corporais. Entendemos que elas possuem potencial para a construção do conhecimento também na Educação Física Escolar. A Educação Física não se limita ao saber-fazer, ela também trata de um saber sobre esse fazer, e, nesse sentido elas podem ser incorporadas. Contudo, a fala do 8 diz que “*na aula de Educação Física tu não precisa pesquisar muita coisa*”, carrega uma compreensão de Educação Física limitada a vivência corporal. A produção de vídeos, a pesquisa na internet por temas de estudo, os jogos eletrônicos, a criação de grupos de trabalhos no *WhatsApp*, são alguns exemplos de potencialidades das tecnologias digitais.

Essa mesma turma do 9.º ano tem um grupo de *WhatsApp*, no qual os alunos mencionam que utilizavam para interagir, constatando-se que o aplicativo exerce uma função colaborativa de troca de informações e auxílio nas aulas:

Aluno 8: Passa matéria...

Aluno 5: Lembra quando tem trabalho, lembra quando tem prova...

Aluno 7: Foto do quadro pra quem não vem na aula.





Aluno 8: Ou tem alguém que não consegue resolver uma questão do tema, aí o que entende vai lá e explica... é o grupo em que todo mundo se ajuda (GD, escola B, 9.º ano)

Na turma do 6.º Ano todos os alunos também possuem celular e o usam regularmente, com foco na busca de informações e para acesso às redes sociais:

Aluno 1: Eu tenho o meu celular.  
Aluno 6: Eu também [todos repetem o mesmo].  
Aluno 8: Sim, usa pra tudo.  
Aluno 6: É, pra pesquisar alguma coisa...  
Pesquisador: E o que vocês acessam na internet?  
Aluno 1: As redes sociais.  
Aluno 6: Vídeos, *WhatsApp* principalmente.  
Aluno 3: A gente pesquisa coisas pra entender mais o conteúdo  
Aluno 6: De tudo um pouco... (GD, escola A, 6.º Ano).

Em relação ao uso do celular, Negrão e Neuenfeldt (2022) mencionam que antes da pandemia de COVID-19, era considerado vilão pelos professores, dispensor da atenção dos alunos. Contudo, agora precisa ser tratado como um recurso didático, não só para produzir vídeos de apresentação ou tirar fotos das aulas e eventos escolares, todavia, para ensinar.

Porém, nesta pesquisa, a recusa pelo uso das tecnologias digitais se dá quando associadas a aula de Educação Física escolar, pois essa é entendida como o lugar de experimentar, de vivenciar, não de estudar sobre algum tema, não percebendo relação com o movimentar-se. No próprio grupo do *WhatsApp* da turma não há muito diálogo sobre a Educação Física:

Aluno 8: Educação Física nós falamos pouco. Todo mundo sabe fazer...  
Aluno 5: O que mais se pergunta é se vai ser vôlei ou futsal.  
Aluno 8: É, ou se vai ter handebol ou algum jogo...  
Aluno 5: Mas no geral não se fala da Educação Física, porque não tem o que falar... (GD, escola B, 9.º ano)

Logo, evidencia-se que a Educação Física é entendida como movimento. Contudo, há diferenças na relação estabelecida com as tecnologias digitais. Na turma do 6.º ano constatou-se que a professora continua realizando trabalhos de pesquisa, similares ao que encaminha no período de pandemia, mas com menor frequência. Isso foi destacado quando se perguntou: “Pesquisador: *Mas, e tipo assim, para uma pesquisa de algum tema, a professora pede?* Aluno 1: *agora já é menos*” (GD, escola A, 6.º ano). Já no 9.º Ano predomina na aula a vivência das práticas corporais, dos esportes coletivos, principalmente o voleibol e o futsal, práticas que foram retomadas na presencialidade e que, na compreensão dos alunos, caracterizam a Educação Física.

Destacamos a importância de reconhecer e fortalecer a especificidade da Educação Física: movimentar-se. Nesse sentido, a escola é o lugar onde isso é possível para todos. Porém,



podemos avançar para uma compreensão de Educação Física na qual haja espaço para aprendizagens conceituais, para a reflexão e o debate, logo as tecnologias digitais podem contribuir para que isso ocorra. Como menciona Bracht (2003, p. 54), não queremos tornar a aula de Educação Física só reflexão, por isso entende que ela seja “nem movimento *sem* pensamento, nem movimento e pensamento, mas, sim, *movimentopensamento*”.

### **Educação Física é convivência entre corpos**

A pandemia de Covid-19 afetou o convívio social dos estudantes. As possibilidades de movimentar-se foram restritas pois teve-se o período de isolamento social e os espaços públicos como praças e parques estavam fechados. Nesse contexto, fazer Educação Física em casa desafiou alunos e professores. Casas ou apartamentos possuem limitações quanto às possibilidades que oferecem para crianças e adolescentes brincarem e exercitarem-se. Somando-se a esses fatores, acentuou-se o uso das tecnologias digitais para além de uma relação com o lazer, elas tornam-se o principal recurso para a continuidade das aulas, o que implicou no aumento do tempo frente a telas de computadores e celulares. Esse contexto, nos leva a questionar se os alunos sentiram falta das aulas de Educação Física presenciais e sobre o lugar do corpo na escola.

Quando os alunos foram provocados a pensar no grupo de discussão sobre qual a diferença entre a experiência que tiveram com as aulas de Educação Física no período de Ensino Remoto Emergencial com as aulas que acontecem na escola, os aspectos da socialização e da coletividade se destacaram, conforme constatamos nos comentários abaixo:

Pesquisador: E na pandemia, do que vocês sentiram mais falta da educação física?

Aluno 1: De brincar com os amigos aqui [na escola].

Aluno 4: Ter os amigos pra fazer as atividades.

Aluno 8: A gente aprende a trabalhar junto.

Aluno 5: Os esportes são bem legais!

Aluno 8: Isso eu senti muita falta na pandemia, porque a gente não se encontrava. O esporte, a gente tinha que praticar com a parede...ou era meu irmão, mas geralmente ele tinha pouco tempo pra isso (GD, escola A, 6.º ano)

Aluno 8: É que em casa tu tá sozinho...

Aluno 2: Não tem alguém pra te auxiliar.

Aluno 8: Aqui não, tu já... parece que tu tem um pouco mais de vontade de aprender

Aluno 5: É que é trabalho em grupo, em casa tu tá sozinho (GD, escola B, 9.º ano))

Os estudantes de ambas as turmas sentiram falta da convivência, das trocas e das interações. Neuenfeldt *et al.* (2022) ao investigar a Educação Física Escolar no período de pandemia de Covid-19, constataram que, apesar dos esforços das escolas e professores, do uso de diferentes tecnologias digitais e estratégias de ensino, no Ensino Remoto Emergencial, as

principais dificuldades se apresentaram no desenvolvimento das dimensões procedimental e atitudinal. O aspecto procedimental trata das restrições que os espaços físicos e acesso a materiais disponíveis nos domicílios impuseram para as vivências das práticas corporais, exigindo adaptações. Contudo, a dimensão atitudinal requer a presença do outro, a relação com os colegas, o contato físico, e isso as tecnologias digitais não conseguiram contemplar satisfatoriamente.

A aula de Educação Física ocorre em um contexto de interação social no qual a presença do outro é fundamental. Como praticar um esporte coletivo, dançar, brincar ou praticar uma luta sem o outro? É possível? A resposta pode ser sim, mas limita as possibilidades de práticas corporais a atividades individuais e, com isso, se perde o sentido de ir para a escola. Por isso, a pandemia faz olhar para a escola, como mencionam Dávila e Maturana (2009), como um lugar no qual a convivência e os espaços relacionais são determinantes no processo educativo. A escola é uma comunidade educativa onde ocorre o conviver. Não são a infraestrutura e nem os recursos tecnológicos que conferem identidade ou qualidade a uma comunidade escolar, mas os seus espaços de convivência. Por isso, a convivência social deve estar no centro do fenômeno educativo.

Reforçamos que a Educação Física escolar é um lugar de convivência social que agrega uma especificidade: o corpo se faz presente. De acordo com Hildebrandt-Stramann (2005), sentimos a desvalorização da experiência do dia a dia, do mundo da vida relacionada à experiência dos sentidos, ligados, conseqüentemente, ao corpo. Contudo, o autor salienta:

Os sentidos estão no corpo, por isso a experiência do mundo da vida é um tipo de experiência cinestésica. Nós ouvimos um som afinado, nós cheiramos um cheiro forte, nós vemos uma cor pastel. Posso ver o fio da lâmina. A experiência cinestésica abre a estrutura das coisas (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2005, p. 86).

A Educação Física escolar é um lugar de convivência que se dá a partir do reconhecimento do corpo do outro. Portanto, quando os alunos no grupo de discussão foram unânimes em recusar a necessidade de uso de tecnologias digitais nas aulas de Educação Física, pois entendem que *“melhor é a prática mesmo”* (GD, Aluno 6, escola B) e que *“na Educação Física acho que não [precisa], mas nas aulas normais sim”* (GD, Aluno 4, escola B), entendemos que a recusa não é uma negação as possibilidades de acesso ao conhecimento que elas poderiam proporcionar, mas defesa e reconhecimento de que o ser humano é corpo, um corpo que tem na sua essência o movimentar-se.

Por *“prática”*, mencionada pelo aluno acima, entendemos o movimento, um corpo que se mostra vivo, que pulsa e interage com outros corpos. Para os alunos o corpo apresenta-se



como uma significação central na vida humana, que adquire uma dimensão ontológica, que não é possível por meio das tecnologias digitais e que não percebem nos outros componentes curriculares. “O corpo é o lugar onde a transcendência do sujeito articula-se com o mundo”, ou seja, sentir, pensar e agir se fundem na experiência de ser do homem, como ser-no-mundo, nos diz Gonçalves (2001, p. 66). E, a Educação Física é o lugar onde o corpo se faz presente!

Por isso, defendemos o lugar da Educação Física na escola e a necessidade de ampliação de seu espaço no currículo da Educação Básica. Defendemos o direito da Educação Física ser diferente, não diferente no sentido de desarticulada com o Projeto Político Pedagógico da escola, mas diferente no sentido de poder ser um lugar que permita ao aluno ser corpo, de experimentar e vivenciar livre da busca de resultados, de uma escola que é pressionada a privilegiar o futuro em detrimento do presente, esquecendo o momento existencial que crianças e adolescentes vivem.

A Educação Física pode contribuir para uma escola que se reserva o direito de resistir às pressões por resultados, a possibilitar ao aluno ter liberdade para experimentar, criar, sentir, pensar... “A pragmática da escola é exatamente essa: ela oferece a experiência de ser sem destino, mas de ser capaz de encontrar seu próprio destino” (LARROSA et al.; MASSCHELEIN; SIMONS, 2021, p. 210).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final do estudo, voltamos ao objetivo da pesquisa que se propôs a analisar como estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental compreendem a partir da Educação Física escolar o lugar do corpo na escola.

Constatamos que os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental não percebem necessidade de que as tecnologias digitais se façam presentes nas aulas de Educação Física. Num primeiro momento, tal recusa pode parecer um desconhecimento das potencialidades delas, pois a própria Base Nacional Comum Curricular normatiza que os Jogos Eletrônicos se façam presentes nas aulas de Educação Física. Contudo, uma análise mais aprofundada nos remete a pensar sobre quais são as possibilidades que os alunos, nos dias de hoje, possuem para movimentarem-se e se sentirem corpo?

A Educação Física escolar é um dos poucos lugares nos quais esses alunos ainda podem se sentirem corpo, conhecerem o próprio corpo e interagir com os corpos dos colegas. Dessa forma, não negamos as contribuições das tecnologias digitais para o ensino, mas defendemos o



direito de se conhecer o mundo pelo próprio corpo e isso é o que a Educação Física tem na sua essência e a difere dos demais componentes.

Quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não há outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, cada um é o corpo na medida em que tem um saber adquirido, diz Merleau-Ponty (1999). A experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não em experiência do corpo ou o corpo em realidade. Que a escola possibilite ao aluno a experiência de ser corpo!

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **A investigação qualitativa em educação**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso: 13 mar. 2022.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 2 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 26 ago. 2021.

DÁVILA, Ximena Yáñez; MATURANA, Humberto Romesín. Hacia. Una era post posmoderna en las comunidades educativas. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 49, p. 135-161. 2009. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie49a05.htm>. Acesso em: 17 fev. 2022.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. 5 ed. Campinas: Papyrus, 2001.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner (Org.). **Textos Pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NEUENFELDT, Derli Juliano *et al.* Educação Física Escolar no período de pandemia do Covid-19: reafirmando antigas práticas pedagógicas ou emergindo novas possibilidades? In: MIRANDA, N. P. de; MELLO, R. G. (Org.). **Educação em Foco: Tecnologias digitais e**



Inovação em práticas de ensino. vol. 3. Rio de Janeiro: E-Publicar, 2022. p; 303-322. DOI: <http://10.47402/ed.ep.c202297723936>

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**: 3 ed. Ijuí: Unijuí: 2016.

NEGRÃO, Manoel Maria Silva; NEUENFELDT, Derli Juliano. O Ensino Mediado pelo WhatsApp: Reflexões sobre a Prática Docente no Ensino Fundamental. **EaD em Foco**, v. 12, n. 1, 22 abr. 2022. Doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i1.1672>.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 1-16, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.249236>

RIO GRANDE DO SUL. **Portaria SEDUC/RS N° 350**. 2021. Dispõe sobre a organização curricular do ensino fundamental e do ensino médio no âmbito das escolas da rede pública estadual de ensino do Estado do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina S.A., 2020.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.